

# **AValiação DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS, VERDADES INSTITUIDAS OU VALORES CONSTRUIDOS?**

\* Anny .C.G.Granzoto

\*\* Pricila Honorio Casado

\*\*\* Priscilla R. V. de Oliveira

\*\*\*\*Orientadora: Prof<sup>a</sup> Drt. Janete Rosa da Fonseca

**RESUMO:** Diferentemente dos licenciados que antes de exercerem a prática docente cursam entre outras disciplinas: Didática, Psicologia da Educação e Prática de Ensino, muitos bacharéis professores do Ensino Superior, ingressam na atividade docente sem uma formação pedagógica prévia. Considerando que a avaliação faz parte do processo de ensino-aprendizagem, os objetivos dessa proposta de pesquisa foram os de verificar a percepção que os professores universitários possuem sobre avaliação da aprendizagem e identificar fatores que contribuem para a eficácia do ensino-aprendizagem, bem como, discutir os fenômenos implícitos nas questões que nos remitiram a essa discussão. Identificou-se através de uma revisão da literatura e da metodologia utilizada, que muitos docentes ainda se utilizam da avaliação como um instrumento de classificação dos alunos ou ainda como forma de opressão e autoritarismo.

**Palavras-Chaves:** Avaliação. Ensino Superior. Ensino-aprendizagem.

**ABSTRACT:** Unlike licensed to practice before exercise among other disciplines are studying teaching: Teaching, Educational Psychology and Teaching Practice, many graduates of higher education teachers, join in the activities of an educator without prior teacher training. Whereas the assessment is part of the teaching-learning process, the goals of this research proposal were to check the perception of university teachers have about assessment of learning and to identify factors that contribute to effective teaching and learning, as well as discuss phenomena implied in the questions we remitted to this discussion. It was identified through a literature review and the methodology used, that many teachers still use the assessment as a tool for classification of students or as a form of oppression and authoritarianism.

**Key Words:** Evaluation. Higher Education. Teaching-learning.

\*Farmacêutica Bioquímica, graduada pela Universidade Paranaense - UNIPAR, pós graduada em Atenção Farmacêutica, Programa saúde da família e pós- graduanda em Docência do Ensino Superior, professora dos cursos de Biomedicina e Enfermagem da Faculdade de Sinop-FASIPE-MT .

\*\* Psicóloga, graduada pela Universidade Paranaense-UNIPAR, pós-graduanda em docência no Ensino Superior.

\*\*\* Enfermeira, graduada pela Faculdade Ingá- UNINGA, pós graduada em UTI e pós-graduanda em Docência no Ensino Superior.

\*\*\*\*Graduação em Pedagogia. Mestrado em Educação Doutorado em Educação em Curso. Docente do Programa de Pós –Graduação Latu Sensu da Faculdade de Sinop-FASIPE.

## 1. INTRODUÇÃO

A avaliação é algo antigo na história, desde 2205 A. C., na China, o imperador chinês Shun, examinava seus oficiais com a finalidade de promovê-los ou não utiliza-los. O termo avaliação da aprendizagem surge mais especificamente nos Estados Unidos da América no século XIX, quando foi criado um sistema de testagem por Horace Mann. Houve nesse momento a institucionalização da prova escrita e uma grande discussão sobre a possibilidade de testar os programas educacionais em grande escala, buscando a promoção de algumas melhorias no modelo educacional tradicional da época, como a utilização de questões específicas ao invés de questões gerais e a busca por padrões educacionais mais objetivos. Dentro dessa perspectiva Pinto (1996) e Depresbiteris (1997) afirmam que, avaliar tornou-se um termo usado em diversos contextos, com diferentes juízos, objetos e significados.

Ainda sob essa perspectiva Oliveira e Santos (2005) enfatizam que, ao longo da história, mesmo sem a noção do que era avaliar, o homem utilizava a avaliação para alcançar o melhor resultado e ainda hoje, o que se percebe é que a avaliação continua fazendo parte do cotidiano das pessoas, que avaliam e inevitavelmente são avaliados, remetendo a um julgamento prévio, em uma concepção implícita ou explícita.

De acordo com os autores citados acima, estudiosos da educação e da psicologia têm debatido muito a avaliação da aprendizagem, porém, poucas pesquisas são realizadas sobre o assunto. O país conta atualmente com avaliações nacionais nos três graus de ensino com objetivo de aferir o desempenho dos alunos, para controlar a qualidade do ensino. Nesse sentido Libâneo (2006) afirma que, avaliar faz parte de um processo educativo, o qual deveria ser diferente de medir, tanto que muitos alunos estudam para tirar nota e não para aprender, portanto, avaliar reflete determinada concepção de educação, do papel do professor e do que é conhecimento, para Oliveira e Santos (2005), o professor deve conhecer os motivos e objetivos da avaliação, e desse modo discutir com o aluno o resultado do processo e assim, melhorar o desempenho de ambos.

Segundo Oliveira e Santos (2005), são três os objetivos da avaliação: inventário, diagnóstico e prognóstico. No inventário averigua-se o domínio das

habilidades e competências do aluno necessárias para a aprendizagem de um determinado assunto. O diagnóstico situa o aluno no processo de aprendizagem identificando suas dificuldades. Já o prognóstico auxilia o aluno a aprimorar seus conhecimentos com a finalidade de avaliar e orientá-lo nas suas escolhas.

Os autores citados acima dizem ainda que, há três importantes modelos de avaliação do rendimento acadêmico, são eles: a avaliação tradicional, com ênfase na verificação, interpretação dos resultados alcançados, a avaliação por objetivos comportamentais que visa interpretar, apurar as mudanças ocorridas no comportamento do aluno frente ao conteúdo exposto e a avaliação qualitativa que inclui função diagnóstica e formativa.

Esteban (2000) sobre este aspecto afirma que, avaliação é o retrato que o professor tem da aprendizagem a partir das respostas dadas nas provas, o que remete a uma classificação e a inevitável comparação por padrões já estabelecidos. Sob esse contexto, Buriasco (2000) diz que, avaliando acertos e erros, o professor tem a medida do que foi ensinado e o que realmente foi aprendido, contudo o aluno muitas vezes não tem o retorno, pois os erros não são retomados, discutidos pelos professores, nem tão pouco utilizados para reformular a metodologia utilizada e assim, acaba não respeitando um dos principais papéis da avaliação que é o do *feedback*, que tem a finalidade de informar os sujeitos avaliados quanto ao seu progresso.

Tradicionalmente, concebe-se a avaliação como algo que ocorre no fim de um ciclo didático. Porém, a avaliação deve ser contínua durante o curso. A medida que os alunos são submetidos a avaliações, cria-se um sistema de *feedback*, que lhes possibilita identificar o que lhes falta aprender para alcançar os objetivos do curso. Dessa forma, a avaliação passa a ter um caráter mais formativo do que controlador. Gil (2011, pág. 107).

Ao final dessas considerações, os objetivos dessa proposta de pesquisa são os de verificar a percepção que os professores universitários possuem sobre avaliação da aprendizagem e identificar fatores que contribuem para a eficácia do ensino-aprendizagem, bem como, discutir os fenômenos implícitos nas questões que nos remitiram a essa discussão.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

O que se percebe segundo Garcia (2009) é que a educação superior tem sofrido importantes mudanças em diversos países nas últimas décadas devido às grandes mudanças sociais, econômicas e culturais que a sociedade contemporânea vem passando, o que faz a universidade rever teorias, modelos, conceitos e práticas, ou seja, reveja a importância de investigar e repensar a avaliação da aprendizagem na educação superior.

Contudo, quando se pensa em educador, é sabido que os professores de ensino fundamental e médio de modo geral, passam por um processo de formação pedagógica, desenvolvido no âmbito dos cursos de Magistério e das Faculdades de Filosofia que por sua vez, cursam, entre outras, as disciplinas: Psicologia da Educação, Didática e Prática de Ensino, que têm por objetivo capacitá-los para o desempenho de atividades docentes. Diferentemente dos professores de nível superior que:

Ainda que muitas vezes possuam títulos como Mestre ou de Doutor, os professores que lecionam nos cursos universitários, na maioria dos casos, não passaram por qualquer processo sistemático de formação pedagógica. Gil (2005, p. 15).

Segundo Libâneo (2006), a nova LDB prevê formação de professores em cursos superiores com formação pedagógica para os bacharéis e educação continuada. Santos (2006) propõe a discussão de aspectos conceituais e alternativas metodológicas procurando fazer com que o professor faça uma reflexão sobre sua prática para a partir daí, possíveis ações como o desenvolvimento de projetos, novas abordagens para o ensino sejam realizadas, aumentando sua confiança e disposição para enfrentar desafios.

De acordo com Oliveira e Santos (2005), o aluno deve ser considerado parte integrante do processo e o professor deve conhecer os objetivos e motivos da avaliação.

O aluno não será um indivíduo passivo, e o professor, a autoridade que decide o que o aluno precisa e deve saber. O professor não irá apresentar verdades, mas com o aluno irá investigar, problematizar, descortinar horizontes, e juntos

avaliarão o sucesso das novas descobertas e, pelos erros, as melhores alternativas para superá-los. Sant'Anna (2010,p.27).

Gil (2011) destaca que, a grande maioria dos professores que trabalham no ensino superior não passou por qualquer processo sistemático de formação pedagógica, tendo como justificativa o fato de lidar com um corpo discente com “personalidade formada”, indivíduos “adultos”, sendo o mais importante para o desempenho do professor universitário o domínio dos conhecimentos referentes à matéria lecionada.

Segundo Sant'Anna (2010), o aluno é o agente de sua própria aprendizagem, pois conforme afirma Oliveira e Santos (2005), o aluno deve desvincular a figura do professor de poder, para que assim a avaliação possa transcorrer tranquilamente, haja vista que avaliação é um termômetro que permite confirmar o estado em que se encontram os protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o professor é o responsável pela interação entre ensinar e o avaliar.

### **3. MATERIAL E MÉTODOS**

De acordo com Denzin; Lincoln e cols. (2006, pag.16), “a pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação. Ela atravessa disciplinas, campos e temas.”

Segundo Gil (2010), a pesquisa exploratória explora temas tornando-os passíveis de novas descobertas, já as descritivas são relatadas a partir de fenômenos bem como a comparação dos mesmos, abordagem qualitativa exploratório-descritiva.

Participaram da pesquisa 37 docentes integrantes de uma Faculdade Privada e uma Universidade Estadual do município de Sinop, situada à 500 km da capital do estado Cuiabá, Mato Grosso, dos respectivos cursos: Letras, Pedagogia, Engenharia, Matemática, Enfermagem, Biomedicina, Psicologia, Direito, Administração e Turismo.

O questionário elaborado pelas autoras visou à avaliação da aprendizagem e percepção dos professores quanto à influência ou não da sua formação neste processo. As questões foram fechadas, a saber: contendo nível de graduação, tempo de atuação na docência universitária, compreensão quanto ao processo de

formação continuada, avaliação do sistema clássico no ensino superior na visão de acadêmicos e docentes, modelo sócio-interacionista entre o aluno e a educação, formas de avaliação mais comum, possibilidade de alterações na prática avaliativa diante da burocracia do sistema de ensino superior. Havia também uma questão aberta com a seguinte interrogação: *‘Em sua análise como Docente, devemos usar números para avaliar a qualidade do processo ensino- aprendizagem? Por quê?’*

Foi considerada a frequência de todas as respostas dadas pelos docentes no questionário que aplicamos nas distintas instituições de ensino, solicitamos aos docentes que assinalassem com um X, além disso, pediu-se aos mesmos que respondessem a questão aberta no espaço em branco disponível para tanto, caso isso fosse pertinente.

#### **4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

A formação dos docentes que participaram dessa pesquisa pode ser observada na **tabela 1**. Vale ressaltar que foi considerada como resposta válida quando o sujeito assinalou uma única alternativa. Observa-se que o maior número de docentes entrevistados são bacharéis, o que nos remete a Gil (2011) onde afirma que, a grande maioria dos professores que lecionam em ensino superior não passou por qualquer processo sistemático de formação pedagógica, mesmo que possuam títulos como de mestres ou doutores.

**Tabela 1. Formação dos docentes.**

Condição	Bacharelado	Licenciatura
Total	20	16

Fonte: Própria

A análise sobre o tempo de atuação na docência universitária encontra-se ilustrada na **tabela 2**, sendo a experiência profissional dos entrevistados de 4 a 5 anos, segundo Gil (2011) quando relata o ciclo de vida do professor, este período refere-se ao período da estabilização que coincide geralmente com a conquista da estabilidade e compromisso profissional. O professor com este perfil apresenta maior facilidade no relacionamento com os alunos, apresenta domínio sobre técnicas instrumentais sendo capaz de selecionar ferramentas apropriadas para o

desenvolvimento dos alunos. Esta fase consolida um repertório pedagógico, atua de forma mais independente, na busca de um ensino nivelador.

**Tabela 2. Tempo de atuação no Ensino Superior**

Condição	1 a 2 anos	4 a 5 anos	10 a 15 anos	15 anos ou mais
Total	6	13	10	8

Fonte: Própria

Na **tabela 3** fica explícito que a maioria dos participantes da pesquisa (35 docentes) crê na necessidade da formação continuada como fator relevante para avaliar seus alunos.

Essa constatação vai de encontro com Gil (2011) quando ele afirma que, um dos papéis do professor universitário é o de ser um eterno aprendiz, deste modo deve estar sempre estudando e se atualizando já que o conhecimento não é algo estático.

**Tabela 3. Compreensão do processo de formação continuada como imprescindível para a prática docente no que diz respeito ao ato de avaliar.**

Condição	Sim	Não	Depende da proposta da formação
Total	35	1	1

Fonte: Própria

Fica ilustrado na **tabela 4**, que grande parte dos docentes participantes (24 docentes) afirma ser positivo utilizar números para avaliar a qualidade do processo educacional.

As respostas referentes à questão aberta (outras respostas) que solicitava ao docente uma análise sobre a utilização numérica para avaliar a qualidade do processo ensino-aprendizagem, permitiu identificar que a maioria dos docentes que participaram da pesquisa acredita não ser possível avaliar sem classificar com números a qualidade do processo ensino-aprendizagem, para os mesmos, o números mostram mais claramente aqueles que aprenderam ou não aprenderam.

De acordo com Hoffmann (2005), a avaliação classificatória é apenas um instrumento de constatação, onde o educador não induz a troca de conhecimento, na tentativa, como diz a autora, de uma “reciprocidade intelectual” entre educador e educando.

**Tabela 4. Análise do docente frente ao ato de usar números para avaliar a qualidade do processo ensino-aprendizagem.**

Condição	Sim	Não	Outras respostas	Não responderam
Total	16	10	8	3

Fonte: Própria

Observa-se na **tabela 5**, que a maioria dos docentes participantes dessa pesquisa, supõe que os acadêmicos estão implicados no processo ensino-aprendizagem e se preocupam mais com o aprendizado do que com os valores numéricos obtidos. Segundo Gil (2011) existe a idéia, por parte de professores, que alunos universitários por estarem dentro de uma instituição de ensino superior, se encontram engajados e interessados pelas atividades acadêmicas, sendo estes quase autodidatas, dessa maneira, o docente deveria preocupar-se em oferecer o conteúdo e o aluno ficaria responsável pela aprendizagem. Para Perrenoud (1999), é difícil o aluno não estabelecer uma relação utilitarista com o saber, já que o sistema clássico de avaliação induz a isso, e esse mesmo sistema se opõe ao desejo do saber pelo saber e implicações desse (crescimento e aperfeiçoamento pessoal).

**Tabela 5. “O sistema clássico de avaliação no Ensino Superior, favorece uma relação utilitarista com o saber”. Ação dos acadêmicos frente a isso.**

Condição	Só trabalham pela nota	Nem todos os acadêmicos trabalham só pela nota
Total	16	21

Fonte: Própria

Analisando a **tabela 6** nota-se que quase a totalidade dos docentes participantes se opõe ao sistema clássico de avaliação, onde segundo Perrenoud (1999), todo o processo de aprendizado dentro de uma instituição de ensino superior apenas terá valor se houver uma nota aceitável do mesmo.

**Tabela 6. O sistema clássico de avaliação no Ensino Superior favorece uma relação utilitarista com o saber. Reação dos docentes frente a isso.**

Condição	Os docentes sentem-se seguros utilizando esta forma de avaliar. Pois a mesma não toma muito tempo do professor que já tem muitas atribuições em sua rotina profissional.	Esta avaliação baseada somente na nota obtida não privilegia a evolução da aprendizagem e nem a tão necessária produção do conhecimento	Não concordam com as alternativas anteriores
Total	4	32	1

Fonte: Própria

Ao analisar a **tabela7** não podemos deixar de citar Vygotsky (1996) já que o autor afirma que o desenvolvimento humano (também cognitivo) ocorre nas relações sociais. Para Vygotsky (1998) o indivíduo é um ser interativo, onde seu conhecimento é adquirido a partir de suas relações intra e interpessoais, para que essa interação ocorra se faz necessário um processo chamado mediação. Segundo o autor não basta ter o biológico pronto e apto a adquirir conhecimento, deve haver a interação do sujeito em ambientes que estimulem a aprendizagem. Pode-se observar na tabela 7 que 26 docentes (mais que 50% dos docentes participantes) concordam que o fracasso ou sucesso do aluno depende tanto de suas características individuais como de sua interação com o meio, nesse caso com o meio acadêmico, onde o professor deve participar ativamente do processo de mediação dessa interação do aluno com o ambiente de aprendizado.

**Tabela 7. Visão sobre o aspecto sucesso ou fracasso de um aluno no Ensino Superior ocorre a partir das características individuais, e do modelo sócio-interacionista.**

Condição	Concordo em partes	Concordo totalmente	Discordo em partes	Discordo totalmente	Não considera estes aspectos para o processo de avaliação no ES.
Total	26	6	4	1	0

Fonte: Própria

No que concerne a caracterização dos tipos de avaliação mais adequada pelos docentes participantes da pesquisa, a Avaliação Processual e a Avaliação Diagnóstica são as mais utilizadas. Pode-se observar na **tabela 8** que apenas dois docentes participantes não elegeram um dos tipos de avaliação como o mais adequado, sendo que um desses preferiu não opinar e o outro afirma desconhecer os conceitos de avaliação citados. O tipo de avaliação mais adequado vai depender do objetivo do professor. Para Luckesi (2006) Avaliação Diagnóstica é um instrumento utilizado para detectar em que estágio da aprendizagem o aluno se encontra, serve para planejar ações futuras.

Segundo Hadji (2001) a Avaliação Prognóstica ocorre antes de uma atividade acadêmica a fim de ajustar a mesma ao seu público alvo. De acordo com o mesmo autor, a Avaliação Processual, Contínua ou Formativa acontece durante o processo de ensino-aprendizagem, tem por finalidade informar ao docente e discente sobre a construção do conhecimento.

Hoffmann (2006) afirma que, a Avaliação Mediadora é um instrumento de investigação para o docente, onde o professor utiliza a mesma para entender melhor o processo de aprendizagem dos alunos.

**Tabela 8. Modelo de avaliação mais adequado para ser aplicado no Ensino Superior.**

Condição	Avaliação Diagnóstica	Avaliação Prognóstica	Avaliação Mediadora	Avaliação Processual	Outras
Total	11	1	6	17	2

Fonte: Própria

Para Libâneo (1994) a avaliação é um instrumento com finalidade de obter informações a respeito da construção do conhecimento, o autor enfatiza que:

Resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. (1994, p.195).

O que fica ilustrado na **tabela 9**, porém, é que alguns professores participantes da pesquisa (6 docentes) utilizam a avaliação como forma de punição aos acadêmicos, 18 docentes no entanto, que soma a resposta mais numerosa, segue a perspectiva de Libâneo citado acima, fazendo da avaliação um meio de contribuir ao processo de ensino aprendizagem.

**Tabela 9. Ideia de avaliar a aprendizagem no Ensino Superior.**

Condição	Como instrumento para correção de rumos da atuação de docentes discentes.	Como um instrumento que ainda favorece a cultura punitiva	Como um instrumento Pedagógico para o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem dos acadêmicos.	Outros
Total	11	6	18	2

Fonte: Própria

De acordo com o autor citado acima, a avaliação além de ser necessária para a melhoria da construção da aprendizagem, ainda reflete a qualidade do processo ensino-aprendizagem para os professores, alunos e todo o meio social em que estão inseridos. Segundo Hoffmann (2005) o uso desse instrumento pedagógico tão importante, ainda vem sendo negligenciado por professores que insistem em

perpetuar histórias de controle e autoritarismo dentro das instituições de ensino. Analisando a **tabela 10** observa-se que a maioria dos docentes participantes (28 docentes) acredita ser possível alterar a prática avaliativa no Ensino Superior, onde apenas dois dos docentes participantes preferiram não opinar sobre a questão e sete dos mesmos, acreditam que a prática avaliativa no ES permanecerá sem mudanças.

**Tabela 10. Possíveis alterações na prática avaliativa diante das exigências burocráticas do sistema que rege o Ensino Superior.**

Condição	Sim	Não	Não opinaram
Total	28	7	2

Fonte: Própria

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da avaliação está algo muito complexo, Por um lado carrega consigo um conceito enraizado durante sucessivas gerações, que institui que a avaliação serve para frustrar uns e classificar outros, mantendo seu longo trajeto de autoritarismo e opressão. Já por outro lado e atualmente, diversos autores como Hoffmann, Vygotsky, Perrenaud, Gil, Luckesi, Freire e etc., enfatizam que a avaliação é um instrumento pedagógico que envolve fatores psicológicos, éticos e sociais, e tem por finalidade servir de objeto de estudo do professor para que esse reorganize, reflita, investigue, compreenda o processo de construção do saber dos alunos e conheça sua qualidade. Permitindo assim, que se faça ajustes no processo de ensino, de modo que este induza o crescimento não apenas cognitivo, mas também social e moral dos alunos.

Corroborando com essas afirmações, temos Vigotsky (1996, 1998) que diz que o indivíduo por ser biológico, histórico e social, é um sujeito interativo e necessita das relações com o meio para desenvolver-se intelectualmente, socialmente e historicamente. Não é possível ainda acreditar, como diz Gil (2011)

que o aluno de uma instituição de ensino superior apenas por estar inserido no meio acadêmico, desenvolva de maneira autodidata suas aptidões cognitivas, sociais e morais, sem professores para mediar essa interação entre o meio e o educando. Sabendo que o sistema clássico de ensino e avaliação ainda tão presentes nos dias atuais, não estimulam de maneira alguma o conhecimento pelo conhecimento, como esclarece Perrenoud (1999), esse sistema induz fortemente o aluno a manter uma relação utilitarista com o saber, não é regra, mas esse sistema de avaliação clássico fomenta o desejo no aluno por nota, deixando o objetivo real da avaliação que é o docente ensinar e o discente aprender, de lado, almejando um objetivo, hoje não menos real, que é de conseguir um valor numérico aceitável para que todo o processo de ensino e aprendizagem ocorrido até então tenha valor.

Percebemos que alguns professores se preocupam em mudar sua forma de avaliar, estabelecendo um tipo de avaliação durante o processo de ensino, que permita manter um sistema de retroalimentação de informações, onde professor e aluno consigam com a avaliação, estar sempre se informando mutuamente o que cada um precisa para o progresso educacional ocorrer. Deste modo, fazer com que o processo de ensino-aprendizagem funcione de maneira mais fluida e se desvincule do seu conceito autoritarista e punitivo instituído no passado. A dificuldade da mudança ocorre ainda porque há docentes que mantêm essa forma de avaliar, muitas vezes por falta de preparo, como é o caso dos bacharéis que não possuem em seu percurso de graduação a preparação para docência, acabando então, reproduzindo modelos clássicos de avaliação.

Como diz Freire: “O ideal é que cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. È que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo.” (FREIRE,1996, p.38)

## **6. REFERÊNCIAS:**

BURIASCO, R. L. C. (2000). **Algumas considerações sobre avaliação educacional**. Avaliação educacional, (22), 155-178.

- ESTEBAN, M. T. (2000). **Exigências democráticas/exigências pedagógicas: avaliação.** Tecnologia Educacional, 29(148), 3-6.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à prática educativa.** 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, J. **Avaliação e Aprendizagem na educação Superior.** Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 20, N. 43, maio/ago, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 07/06/2011.
- GIL, A. C. **Metodologia do Ensino Superior.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- GIL, A. C. **Didática do Ensino Superior.** 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- HADJI, C. **A avaliação desmistificada.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HOFFMANN, J. M.L. **Avaliação: Mito e Desafio- uma perspectiva construtivista.** 36 ed. Porto Alegre: Mediação editora, 2005.
- HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** 26. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- IMBERNON, F. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2002.
- LIBÂNEO, J.C.; Oliveira, J.F.; Toschi, M.S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática.** Coleção Magistério. São Paulo, 1994.
- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 18. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2006.
- OLIVEIRA, L.K.; Santos, A.A.A. **Avaliação da Aprendizagem na Universidade.** Psicologia Escolar e Educacional. Vol. 9 nº 1, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 07/06/2011.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 165.
- PINTO, A. L. G. (1996). **Avaliação formal e informal da aprendizagem em sala de aula.** *Psico-USF*, 1 (2), 13-38. Depresbiteris, L. (1997). Avaliação da aprendizagem: revendo conceitos e posições. Em C. P. Sousa (Org.). *Avaliação do rendimento escolar* (6. ed. pp. 51-79). Campinas: Papyrus.
- SANT'ANNA, I.M. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos.** 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SANTOS, L.P.S.; gauche, R.; Mól, G.S.; Silva, R.R.; Baptista, J.A. **Formação de professores: uma proposta de pesquisa a partir da reflexão sobre a prática**

**docente.** Ensaio- pesquisa em Educação em Ciências. Volume 08, nº1 julho, 2006. Disponível em: [http:// www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br). Acesso em: 08/ 06/2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes,1996.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.